

**UM OLHAR SENSÍVEL SOBRE O ESPAÇO GEOGRÁFICO:
CONTRIBUIÇÕES DA GEOGRAFIA DAS EMOÇÕES**

Marcia Alves Soares da Silva
orcid.org/0000-0002-0454-2224

Universidade Estadual de Ponta Grossa
E-mail: marciaalvesgeo@gmail.com

DOI: <https://doi.org/10.35416/geoatos.v5i12.6502>

Resumo

A discussão sobre as emoções perpassa diferentes áreas do conhecimento e, na Geografia, emerge nos últimos anos, a partir da Geografia das Emoções, que busca aliar as questões emocionais às questões espaciais. No Brasil, a reflexão ainda é incipiente, no entanto, há produções significativas em âmbito internacional, com pesquisas sobre a temática desde os anos 2000. Fundamentado em uma reflexão teórica e conceitual, o artigo tem por objetivo apresentar as diferentes perspectivas da Geografia das Emoções, apontando as discussões centrais realizadas sobre o assunto. No intuito de contribuir para a área, apresentamos ainda uma reflexão sobre o tema a partir da questão simbólica, aliando Geografia e Filosofia, discutindo as emoções e sua relação de sentido e significado no universo simbólico da cultura, refletindo ainda a narrativa como possibilidade metodológica para o estudo das emoções na Geografia. Percebe-se uma pluralidade teórica, conceitual e metodológica na Geografia das Emoções, o que demonstra a importância e potencialidade de estudos que busquem compreender as relações espaciais para além de sua materialidade, mas mediadas por questões subjetivas que animam a vida, como as emoções, já que elas fazem parte da construção de diferentes espacialidades cotidianas.

Palavras-chave: Geografias Emocionais; Emoções; Espacialidades; Filosofia das Formas Simbólicas; Narrativas.

**A SENSITIVE LOOK ON GEOGRAPHIC SPACE: CONTRIBUTIONS OF
GEOGRAPHY OF EMOTIONS**

Abstract

Discussion about emotions permeates different areas of knowledge, and in Geography, this discussion has emerged from the Geography of Emotions over the past few years, which seeks to combine emotional and spatial issues. In Brazil, this line of thought is still incipient. There is, however, significant work on the international scale, with research on the subject since the year 2000. From a theoretical and conceptual reflection, this article aims to present the different viewpoints of the Geography of Emotions, pointing out the central discussions around the subject. In order to contribute to knowledge within the field, we present a symbolic reflection on the concept, combining Geography and Philosophy and discussing emotions and their relationship to meaning and significance in the symbolic universe of culture, showing narrative as a methodological possibility for the study of emotions in Geography. A theoretical, conceptual and methodological plurality is found in the Geography of Emotions. This plurality demonstrates the importance and potential of studies that both

seek to understand spatial relations beyond their materiality, and are mediated by subjective issues that color life, such as emotions, because they are part of the construction of different daily spaces.

Key words: Emotional Geographies; Emotions; Spatialities; Philosophy of Symbolic Forms; Narratives.

UNA MIRADA SENSIBLE SOBRE EL ESPACIO GEOGRÁFICO: CONTRIBUCIONES DE LA GEOGRAFÍA DE LAS EMOCIONES

Resumen

La discusión sobre las emociones atraviesa diferentes áreas del conocimiento y, en la Geografía, emerge en los últimos años, a partir de la Geografía de las Emociones, que busca aliar las cuestiones emocionales a las cuestiones espaciales. En Brasil, la reflexión todavía es incipiente, sin embargo, hay producciones significativas a nivel internacional, con investigaciones sobre la temática desde los años 2000. Fundamentado en una reflexión teórica y conceptual, el artículo tiene por objetivo presentar las diferentes perspectivas de la Geografía de las Emociones, apuntando las discusiones centrales realizadas sobre el asunto. Con el fin de contribuir al área, presentamos una reflexión sobre el tema a partir de la cuestión simbólica, aliando Geografía y Filosofía, discutiendo las emociones y su relación de sentido y significado en el universo simbólico de la cultura, reflejando la narrativa como posibilidad metodológica para el estudio de las emociones en la Geografía. Se percibe una pluralidad teórica, conceptual y metodológica en la Geografía de las Emociones, lo que demuestra la importancia y potencialidad de estudios que busquen comprender las relaciones espaciales más allá de su materialidad, pero mediadas por cuestiones subjetivas que animan la vida, como las emociones, ya que ellas forman parte de la construcción de diferentes espacialidades cotidianas.

Palabras-clave: Geografías Emocionales; Las Emociones; Espacialidad; Filosofía de las Formas Simbólicas; Narrativas.

Introdução

As relações que construímos cotidianamente, a partir de uma leitura geográfica, se constituem por questões espaciais. Ações e espaço se entrelaçam e fundem espacialidades cotidianas que são experienciadas pela objetividade e subjetividade, pelo concreto e pelo simbólico. Essas espacialidades são construídas também pela experiência emocional, entendendo que as emoções fazem parte da organização da estrutura da vida social e cultural.

Como parte da nossa condição humana, do mundo de sentidos e significados que construímos, das relações intersubjetivas que tecemos, as emoções são fundamentais no mundo da cultura. Para além de sua natureza fisiológica ou biológica, nos interessa pensar as emoções nos contextos sociais e culturais, como questão central para o agir espacial,

portanto, como mediação na construção de espacialidades, qualificando nossas experiências espaciais.

Nas discussões científicas, o debate sobre as emoções foi comumente negligenciado e marginalizado, em função de uma racionalidade científica. Na história do pensamento geográfico, as produções sobre as categorias espaciais estiveram atreladas, por anos, às pesquisas quantitativas, dados estatísticos e análises matemáticas, em que as reflexões subjetivas eram consideradas menos importantes, dado o desafio de “materializá-las”.

Mais significativamente a partir da década de 1970, a Geografia é influenciada por correntes do pensamento filosófico, como a Fenomenologia, o Existencialismo e a Hermenêutica. A Geografia Humanista consolida-se nesse momento, incorporando a subjetividade da experiência humana na compreensão do espaço geográfico. O estudo sobre as emoções ganha relevância nessa perspectiva, no entanto, não houve um aprofundamento em conceitualizar as diferentes emoções experienciadas pelas pessoas. Sobre o tema, destaca-se, ainda, as contribuições da Geografia da Percepção e do Comportamento, a Geografia Feminista, a Geografia Cultural e a Geografia Não-Representacional.

Nos últimos anos, com base especialmente nas discussões humanistas, feministas e não-representacionais, pesquisadores e pesquisadoras no âmbito da Geografia pautaram a necessidade de compreender a dimensão emocional de nossas experiências espaciais, propondo-se a debater o que são as emoções, como elas fazem parte da mediação espacial e de que maneira experimentamos diferentes emoções, em distintos contextos geográficos. Surge, então, a Geografia das Emoções, cujo debate tem sido mais significativo a partir dos anos 2000.

Nesse viés, a presente discussão tem por objetivo apresentar um panorama sobre a Geografia das Emoções, no intuito de aprofundar a compreensão geral sobre o tema das emoções na Geografia. A proposta é contribuir para o avanço dos estudos sobre as emoções a partir da perspectiva espacial, em especial, na Geografia brasileira, cujo debate ainda é incipiente. Apresentaremos uma reflexão teórica e conceitual sobre essa área da Geografia, pautando algumas discussões centrais sobre o tema.

Como sentimos as transformações da vida cotidiana? E as transformações do espaço geográfico? Como as emoções são expressas em determinados contextos? De que maneira fazem parte da vida social e cultural? Qual a relação emocional dos pesquisadores em seus trabalhos científicos? Essas são algumas indagações relevantes para o debate. Assim,

essa recente *emotional turn* possibilita o exercício de um imaginário geográfico, incluindo temas periféricos e que podem tornar ampliar os debates da Geografia, fazendo repensar nossas bases epistemológicas e nossas práticas de pesquisa. Sobre isso, no segundo momento, problematizamos os desafios metodológicas das pesquisas sobre a Geografia das Emoções, apresentando alguns caminhos possíveis para construir o diálogo entre emoções e espaço.

Problematizando questões teóricas e empíricas, no terceiro momento, apresentamos um diálogo interdisciplinar que alia Geografia e Filosofia, propondo (re)pensar a epistemologia geográfica, pensando os espaços e as espacialidades a partir da questão simbólica. Tal reflexão é fruto da tese de doutorado¹, em que nos propomos a apresentar a filosofia das formas simbólicas e os caminhos possíveis para pensar as emoções do ponto de vista dos sentidos e significados que fazem parte do universo simbólico. Apresentamos as narrativas como um caminho metodológico para discutir as espacialidades emocionais, a partir do trabalho realizado com entrevistas narrativas com os pioneiros da Igreja Messiânica Mundial das cidades de Curitiba e Ponta Grossa – PR.

Assim, o interesse versa em contribuir com referenciais teóricos e conceituais que sustentem as discussões sobre a Geografia das Emoções, em especial, para as reflexões que caminham no âmbito da Geografia Cultural e Geografia Humanista. Entendemos a emoção como ação, percebemos que as emoções possuem um significado em nossas vidas e também fazem parte das espacialidades que construímos cotidianamente, tornando singulares as diferentes experiências espaciais.

Sobre a Geografia das Emoções

A preocupação sobre questões subjetivas, o que inclui a relação emocional com o espaço geográfico, não é recente na Geografia. A representação do espaço geográfico a partir de relatos, mapas, pinturas e a descrição das paisagens e dos lugares estava relacionada com a percepção e experiência dos teóricos, portanto, há um conteúdo subjetivo intrínseco na construção do conhecimento geográfico.

Sobre isso, Dardel (2015) afirma que no século XVIII, momento em que surge uma geografia científica, existe uma geografia sentimental e emotiva que, ampliada pela imaginação, tende para a expressão literária e para outra compreensão da natureza. Para o teórico, essa relação com a natureza, próxima ou distante, são procuradas e vistas no contexto

dessa Geografia através da afetividade, como o prazer da solidão, o sentimento de melancolia e de mistério, e a religiosidade à flor da pele.

Como abordado anteriormente, é na consolidação de determinadas áreas da Geografia que a dimensão subjetiva começa a ser explorada em diferentes frentes de trabalho. As pesquisas humanistas, culturais, feministas mostram-se como centrais nessa reflexão, com o interesse dos pesquisadores em lançar um olhar sensível sobre o espaço geográfico e as espacialidades. Essas pesquisas ganham maior peso a partir da década de 1970, através de um diálogo interdisciplinar, debatendo sobre como as pessoas se relacionam com as categorias espaciais de maneiras diferentes.

Nos últimos anos, pesquisadoras e pesquisadores têm enfatizado o papel das emoções na relação com o espaço geográfico, valorizando a experiência humana e as ligações de sentido e significado que são estabelecidas nas vivências espaciais. Intitulada como Geografia das Emoções, tal reflexão busca colocar a centralidade nas pessoas e como as emoções, como condição inerente ao ser humano, funcionam como mediações nas experiências espaciais.

A produção da Geografia das Emoções apresenta-se em diferentes contextos, como Inglaterra, Escócia, Austrália, Canadá, Espanha, Itália, Estados Unidos e outros países. Os teóricos que contribuem com essa área problematizam emoções como medo, dor, tristeza, ansiedade, angústia, raiva, felicidade, entrelaçando-as com a questão espacial².

Os trabalhos no âmbito da Geografia das Emoções comumente articulam temas voltados para o social e cultural, buscando compreender a dimensão emocional das representações espaciais. Essa articulação destaca como as emoções fazem parte dos processos de diferenciação espacial, bem como são experienciadas de forma distinta em determinados espaços.

Atualmente, destaca-se a influência dos trabalhos humanistas, feministas e não-representacionais. No campo da Geografia Humanista, a influência de movimentos filosóficos, incorporam em suas discussões, questões como percepção, valores e significados, buscando uma visão holística sobre a experiência humana, embora não tenha tido como preocupação central a problematização conceitual do que são as emoções. Com aportes das ideias pós-estruturalistas, a Geografia Feminista reflete sobre a relação estabelecida entre homem, racionalidade, mente e objetividade, e mulheres, corpo, subjetividade e emocionalidade, questionando, por exemplo, o papel do corpo nas/das mulheres e a exclusão

de emoção dos domínios da masculinidade. Por fim, refletindo sobre as práticas não-verbais, a Geografia Não-Representacional debruça-se sobre como as conversas e práticas (ações) são capazes de iluminar os sentimentos (BONDI, 2005).

As pesquisas que buscam entender o espaço através da questão emocional apontam que as emoções são importantes porque afetam a forma como sentimos o nosso passado, presente e futuro. Há uma dimensão temporal em nossas geografias emocionais, porque elas são dinâmicas, transformadas na experiência através da infância, adolescência, vida adulta e velhice, e por eventos mais imediatos e desestabilizadores, como nascimento ou falecimento, ou o início ou fim de um relacionamento (BONDI et al, 2007).

A virada emocional na Geografia busca reconhecer a importância das emoções em nossas interpretações e entendimentos do mundo. Ao refletir sobre as espacialidades e temporalidades das emoções, entendemos que grande parte da importância simbólica dos lugares decorre da sua associação emocional. O debate poderia ser entendido como o exercício de uma imaginação geográfica e de um desejo de tornar a geografia mais completa (BONDI et al, 2007; SMITH et al, 2009).

Assim, as emoções possibilitam qualificar os espaços de diferentes maneiras, permitindo analisar as singularidades que se constroem na inter-relação entre os sujeitos e seus espaços cotidianos. Esse entendimento percebe as emoções como indispensáveis na leitura sobre como sentimos e pensamos as transformações da vida cotidiana, o que inclui, portanto, a questão espacial.

O interesse pelo "mundo da vida", mediado pelas emoções, revela que a subjetividade permeia tudo o que as pessoas fazem, incluindo, por exemplo, o seu desenvolvimento econômico e as atividades culturais. Esse mundo da vida é constituído por diferentes relações intersubjetivas, que se consubstanciam na forma como os espaços são pensados, planejados, percebidos e vividos pelas pessoas (BONDI, 2005). Portanto, para além da concretude dos espaços, estamos falando da relação de significado que as pessoas estabelecem com eles.

In order to understand how people reach the decisions they do, how they process information, experiences and make sense of and construct the world they live in, we need to understand not only information sources and how they are interpreted, but also how those sources and influences relate to each other in the world as it is experienced; the underlying, unspoken, unconscious emotions and feelings and assumptions which support that cognitive process and the journey taken during it [...] (MACKIAN, 2004, p. 616).

Para Mackian (2004) as experiências que nos desafiam emocionalmente são espacial, temporal e socialmente situadas. À medida que a Geografia se tornou mais consciente dos múltiplos lugares da experiência, houve uma mudança da ênfase nos espaços materiais e territoriais, para uma consideração de lugares metafóricos e psicológicos. O imaginário geográfico torna-se relevante, dando oportunidade para o universo de sentido e significado que é expresso nas relações espaciais.

Essas geografias emocionais não apenas contribuirão no âmbito da pesquisa geográfica atual, mas revelarão algo que falta no centro da geografia, desafiando fundamentalmente a auto identidade da Geografia. As geografias emocionais trabalham contra as tentativas de fixar as emoções e defini-las de tal forma que podem tornar-se meros objetos de quantificação (SMITH et al, 2009). Assim, é preciso entender as emoções como aspectos vitais de quem somos e de nosso envolvimento situacional no mundo, isto é, como forma de mediar a vida cotidiana, porque elas compõem, decompõem e recompõem as geografias de nossas vidas.

Entendendo a realidade como algo perceptivo e fenomenológico, é possível evidenciar os valores culturais e o significado atribuído aos lugares, sendo as emoções, fontes de conhecimentos e representações do espaço geográfico. Neste sentido, a Geografia das Emoções é definida como uma proposta que busca reconhecer as emoções como formas de saber, ser e fazer no sentido mais amplo, valorizando a diversidade dos sentimentos e sentidos, acentuando tonalidades, espaços e tempos, portanto, privilegia a polifonia que anima a vida (ANDERSON; SMITH, 2001; ANDREOTTI, 2013).

No interesse em investigar o envolvimento emocional das pessoas com a realidade, tal envolvimento revela-se como importante fonte de representação e conhecimento, evidenciando as singularidades das experiências espaciais a partir das diferentes emoções experienciadas. Essa reflexão atenta sobre as singularidades que compõem a vida, valoriza os significados que as pessoas dão aos lugares e a relação que estabelecem mediada pelas emoções. Como exemplo podemos pensar acontecimentos que marcam espaços específicos, como espaços de luto, de medo, de ansiedade, de violência, de felicidade, dentre outros.

Sobre isso, podemos apresentar a variedade de temáticas que envolvem as emoções na Geografia, o que mostra a potencialidade de estudos do ponto de vista transdisciplinar e interdisciplinar. Numa análise de três produções centrais sobre a Geografia das Emoções em língua inglesa, espanhola e francesa, publicadas entre os anos de 2007 e 2016, analisamos *Revista Geografia em Atos, Departamento de Geografia, Faculdade de Ciências e Tecnologia, UNESP, Presidente Prudente, (Afetos e emoções: abordagens teórico-metodológicas na análise do Espaço Geográfico)*, n. 12, v. 5, p. 37-59, jul/2019. **ISSN:** 1984-1647.

trabalhos de diferentes contextos geográficos, o que revela a complexidade e importância do tema.

Uma das obras basilares é o livro *Emotional Geographies*, publicado em 2007, sob organização de Mick Smith, Liz Bondi e Joyce Davidson, que possui 16 artigos sobre a Geografia das Emoções, além da introdução sobre o tema, que é seminal para os estudos sobre a temática. Dividido em três seções, o livro apresenta contribuições de diferentes áreas além da Geografia, como as Ciências Sociais.

Na seção 1 “*Locating emotion*”, Morris e Thomas (2007) versam sobre os lugares escolhidos para o fim das vidas de paciente com câncer terminal. Collin (2007) apresenta uma pesquisa realizada com 20 mulheres australianas que passaram pelo processo de histerectomia, a fim de compreender a relação dessas mulheres com seus corpos. Milligan et al (2007) problematizam de que forma os espaços públicos (familiares e sociais), agem para facilitar ou inibir a expressão da emoção na velhice, o que pode afetar a saúde e o bem-estar das pessoas idosas. Molz (2007) versa sobre o consumo de alimentos por viajantes e suas experiências emocionais, em especial, na rede de *fast food* McDonald’s. Urry (2007) discute o conceito de lugar e lança alguns questionamentos: quais são os prazeres do lugar? Quais são as emoções provocado por estar em um lugar relativamente desconhecido? Como se aprende a liberar emoções apropriadas nesses outros lugares? Quais são os diferentes sentidos mobilizados por estar em outro lugar?

A seção 2 intitulada “*Relating emotion*”, Parr et al (2007) centram nas geografias emocionais das pessoas com problemas de saúde mental que vivem em locais rurais remotos da Escócia. Conradson (2007) propõe compreender as dimensões emocionais no encontro de uma paisagem em particular, em Dorset, no sul da Inglaterra, mediada a partir de centros de cuidados e de repouso. Hubbard (2007) apresenta a complexidade das geografias emocionais da cidade de Leicester (UK) no período noturno. Já Hockley et al (2007) investigam a experiência de perda de parceiros heterossexuais na velhice. Heenan (2007) discute as geografias emocionais que se desenrolam na relação das pessoas, com foco nas mulheres, no que diz respeito à alimentação. Paterson (2007) se propõe a discutir a questão do toque, especialmente em práticas e espaços terapêuticos (com ênfase no Reiki), pensando a conexão entre corpo, mente e mundo, toque, espaço e afeto.

“*Representing emotion*” é a seção 3 do livro, em que Hepworth (2007) versa sobre as emoções que envolvem a velhice e o processo de envelhecimento. Thien (2007)

discute a relação que se dá entre intimidade e espaço, criando as espacialidades da intimidade. Explorando a emoção, memória, “eu” (*self*) e a paisagem, Jones (2007) busca, através de descrição e narrativa, compreender as espacialidades das memórias. Smith (2007) discute de que maneira a ética e emoção são modos de nos envolver com o mundo, afetando nossos modos de ser-no-mundo. Problematizando as experiências emocionais dos pesquisadores na prática da pesquisa, Bondi (2007) discute o lugar das emoções nas epistemologias científicas tradicionais.

Com esses exemplos de temática, concordamos com Guinard e Tratnjek (2016) que afirmam que as emoções têm capacidade de circular por toda a Geografia, como por exemplo na Geografia Social, Geografia Cultural, Geografia Política, Geografia Urbana, Geografia do Turismo e do Patrimônio, Estudos Ambientais, constituindo-se como um objeto transversal da disciplina. Para as autoras,

Appréhender nos émotions, non comme un biais mais comme une expression de ce qui nous relie au monde et aux autres, permettrait alors de mieux rendre compte de la manière dont nous produisons notre terrain, dont nous faisons de la géographie. [...] a question des émotions du chercheur est intéressante et particulièrement stimulante, en ce que cela peut être l'indice d'une certaine évolution de la discipline à ce sujet mais aussi d'une évolution de la façon dont les géographes se positionnent vis-à-vis de la discipline et au-delà de celle-ci. Le fait d'évoquer ses émotions, n'est-ce pas en effet déjà une forme d'engagement du chercheur dans la discipline et dans le monde? (GUINARD; TRATNJEK, 2016, p. 11-12).

Neste sentido, Luna e Valverde (2009) afirmam que a investigação em torno da emoção ajuda a repensar novas relações entre o sujeito e o mundo, porque a teia de emoções faz parte da vida cotidiana. As emoções aparecem sem que haja uma causa direta que as causa: elas simplesmente são, nós as reconhecemos e as assimilamos. Às vezes são emoções que se referem a memórias de um passado mais ou menos remoto, e podemos reproduzir odores, sons e sensações do passado. Em outras ocasiões, ver uma fotografia, o som de uma música, gosto de vinho ou cheiro da chuva nos fazem lembrar momentos de alegria, nostalgia ou qualquer outra emoção, que são associados a esses acontecimentos e memórias.

Persi (2014) aponta que memórias, perfumes, lembranças, imagens, gostos, pensamentos, sensações também compõem a análise do espaço geográfico. Os percursos emotivos, as viagens do espírito, os mapas íntimos, os espaços secretos, os lugares da alma e

os parques literários fornecem novos modos de conhecimento e refinada fruição do território.

Este modo de fazer geografia aguça os olhos e a mente do geógrafo, transforma a atenção e a disposição de espírito do planejador, muda a atitude ideal do projetista que vê o objeto do seu estudo como uma realidade extremamente viva e versátil, sempre mais imaterial, porém real, dado que vibrantes e mutáveis são os sentimentos que ligam os homens às coisas, os homens aos outros homens, unidades de diversos, e caleidoscópicos imaginários (PERSI, 2014, p. 213).

Sendo assim, entendemos que cada experiência espacial é única para as pessoas, mesmo elas fazendo parte do mesmo contexto cultural e social. Isso porque a percepção que temos do espaço é distinta para cada um e tem a ver com a nossa história, modo de vida, crenças, valores e tudo aquilo que faz parte do cotidiano. As emoções entram nesse rol de singularidade e são despertadas por diferentes motivos nas pessoas.

Portanto, como parte da experiência do sujeito, entendemos que emoção possibilita o arranjo da realidade, sendo uma ação no mundo, e, em termos geográficos, gera espacialidades. Assim, a emoção é subjetividade que se expressa na ação, pressupõe-se um viés espacial. Com isso, é necessário investigar caminhos metodológicos que valorizem essas espacialidades emocionais, conforme discutiremos a seguir.

Desafios metodológicos nas pesquisas sobre a Geografia das Emoções

Alguns teóricos afirmam que possivelmente um dos motivos para que as emoções tenham sido marginalizadas nos estudos geográficos acontece pelo desafio metodológico. Neste caso, mostra-se pertinente um debate sobre tais desafios e quais são os caminhos possíveis para o diálogo entre emoções e espaço.

Smith et al (2009) admitem os desafios de pensar as emoções na Geografia, afirmando que reconhecer as “constelações emocionais” pode exigir mais esforço intelectual (para identificá-las, relacioná-las, interpretá-las e configurá-las) em alguns casos mais do que em outros. Para os autores, as emoções podem estar escondidas sob tabelas de dados e figuras, mapas, observações destacadas, narrativas em terceira pessoa ou impessoais, e assim por diante. A Geografia das Emoções precisa refletir e interpretar esse desnível, sugerindo razões pelas quais certos autores, campos geográficos, períodos históricos, métodos e assim por diante, expressam muitas maneiras diferentes de escrever sobre o mundo, incluindo, a questão emocional.

Assim, além do interesse em teorizar e conceituar as emoções, os estudos que relacionam emoção, espaço e sociedade também produzem trabalhos empíricos, comumente qualitativos, com foco no corpo, na relação e no lugar das experiências emocionais (THIEN, 2005; 2017). Há, portanto, um interesse metodológico sobre o assunto, buscando dialogar com diferentes áreas do conhecimento que possam dar subsídios para investigar as emoções.

A dificuldade de discutir as emoções é pelo desafio de serem observadas/observáveis, demarcadas/demarcáveis ou mapeadas/mapeáveis. É necessário privilegiar metodologias qualitativas, que sejam flexíveis para os distintos caminhos que se pode percorrer no debate.

A arte da escuta é uma forma de dar visibilidade às emoções, que aparecem nas narrativas de sujeitos da pesquisa, na relação entre ouvinte e narrador, e na interpretação que o pesquisador fará sobre essas falas. Entrevistas, etnografia, história oral, são alguns dos recursos metodológicos utilizados para discutir o tema. Abordaremos a questão das entrevistas narrativas na próxima seção.

Sobre isso, Mackian (2004) aponta que a Geografia sempre teve a preocupação de mapear o mundo. Entende que como recurso metodológico, a proposta da Geografia das Emoções é avançar na compreensão do mundo a partir do espaço cognitivo, procurando entender e representar o mundo com um viés sensível. Neste sentido, a ideia de utilizar mapas não é para descrever a realidade, mas para contribuir na nossa capacidade de compreender e explicar a realidade sendo, portanto, “a means of uncovering and making sense of the complexities of post-modern social existence” (MACKIAN, 2004, p. 617).

A autora sugere utilizar a noção “metafórica do mapa”. Nesses mapas, metáforas espaciais são desenhadas, mas não são fixas ou absolutas, e sim, fluidas e relacionais. Há o interesse em captar a "sensação" emocional dos relacionamentos, a dinâmica do engajamento e as características fluidas dos espaços onde a vida e emoções se misturam. Podemos apontar os mapas mentais como recursos possíveis para a temática.

Embora os mapas também tenham sido criticados por retratar uma representação parcial e estática do espaço, eles, pelo menos em nossa imaginação, permitiram que explorássemos e nos movimentássemos pelos espaços que procuram (re)apresentar. A noção de mapa, portanto, parece capturar melhor as ideias de engajamento e desengajamento, o movimento na vida cotidiana e a complexidade do espaço experiencial (MACKIAN, 2004).

Rekacewicz e Tratnjek (2016) também caminham pela ideia da cartografia, em que debatem sobre uma cartografia subjetiva, diferenciando a cartografia emocional da cartografia sensível. Nesta visão, um mapa não é a expressão de uma verdade ou uma realidade incontestável. Os autores enfatizam o papel do pesquisador e suas emoções dentro da cartografia, em que as formas e cores da natureza, assim como as formas arquitetônicas, são todas as fontes de inspiração para o cartógrafo que quer transmitir emoções através de mapas.

Bondi (2005) sugere a psicoterapia como teoria da prática, porque convida as pessoas a se comunicarem emocionalmente, o que poderia enriquecer o debate da Geografia das Emoções, já que tem como essência a ênfase nos relacionamentos, especialmente as dimensões emocionais e afetivas desses relacionamentos. A autora aponta que por um lado podemos ter as “terapias da fala” e as “terapias artísticas”. Nas “terapias da fala”, o silêncio, o ritmo, os enunciados não-verbais, o timbre de voz e, acima de tudo, o sentido percebido, são tão importantes quanto as palavras enunciadas. Já as “terapias artísticas” usam música, criatividade visual, representação e movimento para comunicar-se.

No campo dos estudos não-representacionais, com foco na experiência e prática da vida cotidiana, os pesquisadores trabalham com um entendimento alargado do sujeito e da sua capacidade de ação. Portanto, sugere-se metodologias que possam privilegiar esse tipo de entendimento, quando rompem com o construtivismo social ao criticar a separação que este faz entre o mundo e os significados que lhe são atribuídos (PAIVA, 2018).

Neste sentido, a produção de conhecimento passa a preocupar-se não apenas com as representações mentais da realidade (e.g. significados, sentimentos, discursos, estruturas), mas também com o modo como essas representações são produzidas e praticadas corporeamente no decorrer das ações e interações de que o mundo é constituído (incluindo práticas, hábitos, afetos). A performance torna-se assim numa palavra-chave (PAIVA, 2017, p. 161).

Nesta perspectiva, sugere-se metodologias que foquem na experiência performativa do mundo, comumente articuladas com o conceito de “atmosferas afetivas”³. Essa leitura considera ainda movimento, tempo e eventos para repensar os conceitos de sujeito, corpo, estrutura ou espaço, em que os métodos tradicionais da geografia não dariam conta de explicar questões como fluxos sensoriais, atmosferas afetivas, *assemblages*. Métodos atmosféricos, fotografia, vídeos, fonografia, métodos móveis, etnografias em movimento ou *go-along*, *soundwalk*, *eye-tracking*, sensores de batimentos cardíacos, eletroencefalograma são

alguns dos caminhos utilizados para incorporar as questões emocionais (e afetivas) na Geografia (PAIVA, 2018).

Outra questão que envolve a Geografia das Emoções, além dos obstáculos teóricos e metodológicos, é a atuação e relação dos pesquisadores frente aos seus objetos e problemas de pesquisa. É importante apontar que há um envolvimento emocional dos pesquisadores com relação aos seus temas de trabalho, o que faz com que o conteúdo emocional também figure nas pesquisas geográficas. Assim, trabalhar com as emoções também desperta um interesse sobre o papel e atuação dos pesquisadores em seus contextos de ação, porque estão/são envolvidos por uma atmosfera intersubjetiva que contribui na forma como a pesquisa será interpretada.

Em maior ou menor grau, a escrita acadêmica articula as preocupações e paixões de seus autores, mas os gêneros acadêmicos tradicionais procuram excluir sua expressão explícita. Cada vez mais, entretanto, os acadêmicos têm procurado experimentar estilos mais emocionalmente expressivos. Voltando-se às interações interpessoais entre pesquisadores e participantes da pesquisa, destaca-se as emoções como parte integrante das relações de pesquisa, chamando a atenção para a ampla gama de emoções experimentadas pelos pesquisadores em resposta a essas relações. Nesse viés, mostra-se relevante lembrar que os pesquisadores podem usar suas emoções como recursos, sem necessariamente relatar em primeira pessoa como eles se sentem (BONDI et al, 2007; BONDI, 2007).

Percebemos o potencial da discussão sobre as emoções para a ciência geográfica, porque permite entender o papel das emoções do ponto de vista teórico, conceitual, metodológico e prático na pesquisa científica. Um olhar sensível do pesquisador sobre seu objeto de pesquisa, sua atuação profissional e seu papel social permite evidenciar as singularidades que compõem nossas espacialidades do cotidiano.

Por conseguinte, compreendemos que a Geografia das Emoções possui importante potencial teórico, conceitual e metodológico, em que a própria ação de fazer pesquisa já envolve inúmeras questões emocionais. O pesquisador não se envolve passivamente com seu objeto de estudo. Sabemos que o cotidiano da pesquisa, os estudos empíricos, a interpretação das informações e nossa leitura do mundo (geográfico) faz parte da esfera do sensível, do imaterial, do intersubjetivo e da emoção. Essa questão foi uma preocupação significativa ao problematizar as emoções a partir das questões simbólicas e de narrativas, discussão realizada a seguir.

Geografia das Emoções a partir da questão simbólica: contribuição interdisciplinar

Alguns autores apontam que a virada emocional na Geografia não deve ser entendida de forma estreita, uma vez que as emoções se deslocam entre as fronteiras disciplinares. Como já comentamos, os diálogos transdisciplinares são fundamentais e diferentes áreas do conhecimento podem ser enriquecidas pela incorporação das emoções em seus temas de pesquisa. Pensando nisso, apresentamos a possibilidade de articular a Geografia das Emoções com a Filosofia, pensando a relação das emoções e do espaço a partir da questão simbólica.

Propomos pensar a emoção como mediação simbólica da nossa relação com o espaço geográfico. Um caminho para entender a questão simbólica é a partir da *filosofia das formas simbólicas* de Ernst Cassirer, cuja preocupação sobre a questão do tempo e do espaço mostra sua relevância para a Geografia.

Ernst Cassirer foi um filósofo alemão do século XX, inserido na Escola de Marburgo. Com contribuições iniciais no campo das ciências naturais, desenvolveu, ao longo de sua carreira, um relevante debate para a Filosofia ao discorrer sobre a questão do símbolo e do universo simbólico, tendo preocupações epistemológicas, ontológicas e psicológicas sobre o tema. No intuito de elaborar uma crítica da cultura, isto é, uma filosofia da cultura humana, baseado na fenomenologia do conhecimento, construiu entre 1923 e 1929, a “filosofia das formas simbólicas”. Seu interesse fundante era entender o que era o “ser simbólico” (o que autor chama também de “animal simbólico”), partindo, dentre várias reflexões, da ideia do autoconhecimento.

Nosso interesse em apresentar a discussão de Cassirer sobre as formas simbólicas é, portanto, de apresentar uma possibilidade de compreender a Geografia das Emoções a partir do nível do simbólico que estrutura o mundo da cultura. Cada forma simbólica possui um papel de sentido e significado nessa estruturação, sendo parte de um universo que é constituído pelo material e imaterial, pelos ambientes físicos e pelo universo simbólico.

Para Cassirer, o mundo é uma questão qualitativa, que é o próprio sistema simbólico. Esse sistema é processo do pensamento e é considerado como “variados fios que tecem a rede simbólica da experiência humana” (CASSIRER, 2012, p. 48). As formas simbólicas conformam o mundo e compreendemos que esse mundo é permeado pelas

emoções. Assim, as emoções fazem parte dessa conformação do mundo, isto é, fazem parte do mundo da cultura, dando sentido e significado ao ser simbólico.

Na visão cassireriana, as formas simbólicas "arte", "ciência", "história", "linguagem", "mito" e "religião" são energias do espírito e fornecem as bases da cultura humana através da significação da experiência e da objetivação do espírito. O conhecimento imediato do mundo é necessariamente realizado pela mediação simbólica. Essa mediação simbólica é conformadora de espacialidades, que também podem ser entendidas como espacialidades emocionais.

Na linguagem, no mito, na arte e na religião, as nossas emoções não estão simplesmente transformadas em meros atos; estão transformadas em "obras". Essas obras não desaparecem. São persistentes e duradouras. Uma reação física pode tão somente dar-nos um rápido e temporário alívio; uma expressão simbólica pode tornar-se num *monumentum aere perennius* (CASSIRER, 2003, p. 67).

Nesse sistema simbólico, as emoções expressas são transformadas em imagens e essas imagens são a interpretação do mundo exterior e interior (CASSIRER, 2011). Portanto, como parte da experiência do sujeito, entendemos que emoção permeia toda a vida, possibilitando o arranjo da realidade, uma ação no mundo, sendo uma subjetividade que expressa-se na ação, e por ação pressupõe-se um viés espacial.

Cassirer (2003) afirma que para além da expressão fisiológica ou psicológica das emoções, se as exprimirmos por meio de atos simbólicos, tais atos têm o poder de ligar e desligar, estão concentrados, intensificados e condensados. As emoções são, portanto, parte inerente ao ser simbólico e estabelecem uma importante relação entre o eu e o outro. Ao valorizarem a intersubjetividade, que é condição fundamental do mundo da cultura, as emoções revelam uma subjetividade que consubstancia-se na ação. Nesse viés, sua análise cabe para pensar a Geografia das Emoções na vida social, nos contextos culturais e nas relações intersubjetivas.

Pensar o espaço a partir da questão simbólica é entendê-lo como um espaço de ação, expresso através da ação do ser simbólico, mediado e articulado pelas formas simbólicas. As formas simbólicas, nesse entendimento, possibilitam a construção das espacialidades da experiência, que são espacialidades significativas para o ser simbólico.

Numa perspectiva cassireriana, o espaço e suas espacialidades deixam de ser apenas um campo de determinações intuitivas do ser exterior e passam a ser resultado da conformação simbólica. A conformação simbólica como conformadora de espaços de ação

coloca a centralidade no espaço do sujeito que reflete, investigando os mundos que o ser simbólico cria, através de símbolos, para nele viver (GIL FILHO, 2014; FERNANDES; GIL FILHO, 2011).

Esse espaço do sujeito que reflete, que sente, é o que nos interessa, porque expressa suas emoções em linguagens nem sempre compreendidas pela lógica científica. É mediado pelas emoções que ele também constrói o mundo da cultura, a relação com os outros e o entendimento de si, construindo espacialidades simbólicas.

Entender o ser simbólico é reconhecer o emaranhando do eu com o mundo e com o outro, formando os nós. Um caminho metodológico possível é a partir das narrativas, que possibilitam construir uma relação emocional entre narrador e ouvinte, sendo a expressão da Geografia das Emoções dos narradores, cujo conteúdo emocional de sentido e significado é o que estrutura essas histórias de vida.

A escolha por trabalhar com narrativas oportuniza criar uma dimensão relacional entre ouvinte e narrador que constrói outros saberes, rompendo com a distância entre os sujeitos. As narrativas nos aproximam das pessoas e de seus cotidianos. Na tese de doutorado, realizamos entrevistas narrativas com pessoas idosas, os chamados “pioneiros” da Igreja Messiânica Mundial do Brasil em Curitiba e Ponta Grossa⁴ — PR.

Com foco em suas histórias de vida, alicerçados no arcabouço teórico da Geografia das Emoções e da filosofia das formas simbólicas, debatemos questões relacionadas a velhice, a memória e os espaços vivenciados. A partir da metodologia de entrevistas narrativas, com o que chamamos de “pergunta geradora”, nossa relação com esses pioneiros consistiu em escuta ativa das narrativas de suas histórias de vida, com auxílio de gravador e bloco de anotações. Essas narrativas foram transcritas de forma literal, preservando a identidade dos narradores, utilizando nomes fictícios, no caso, escolhemos nomes de flores, já que esse elemento é relevante dentro dos preceitos messiânicos.

A casa, o partir e o regressar, as perspectivas e o horizonte, o caminho e a rua são alguns dos elementos presentes nessas narrativas. Yasmin, Estrelícia, Cravo, Margarida, Magnólia e Camélia (nomes fictícios) nos entregaram suas narrativas de história de vida que não restringiram-se à experiência religiosa, mas revelaram suas experiências ligadas às espacialidades da infância, da casa, do trabalho, da família, da Igreja, das viagens. Doenças, mortes, deslocamentos, brigas, separações, marcam essas histórias no passado, presente e

futuro. As lágrimas configuram-se como uma expressão emocional significativa nessas narrativas.

Nessa relação, evidenciamos a subjetividade do processo, a sensibilidade da pesquisadora, o enfrentamento com o desconhecido, buscando conhecer o mundo através das histórias dos outros e de suas experiências emocionais com os lugares e as pessoas. As narrativas nos entregam histórias heterogêneas, no entanto, com sentidos em comum: os sentidos e significados da vida, sustentados, dentre outras coisas, pelas experiências emocionais com/nos os lugares. Essas experiências emocionais presentes tanto no ato de narrar, quanto nas histórias, podem ser lidas também fontes de conhecimento (geográfico).

Através de relatos, do imaginário, da relação entre narrador e ouvinte, podemos potencializar novas possibilidades de construir o conhecimento e as relações intersubjetivas. Essas relações se estabelecem para além do enunciado: é preciso estar atenta ao corpo, aos sons, aos sentidos. Contar histórias de vida é nos reposicionarmos no tempo e no espaço, a partir do que sentimos, sendo um momento de circulação emocional. Sobre isso, “Na ação o sujeito não pode separar-se das formas em que investe nos objetos, do que coloca como interesse, como intersecção do imaginário e do simbólico” (CASTAÑEDA; MORALES, 2017, p. 88).

Esse entendimento sobre as narrativas reforça a intersubjetividade que compõe as Geografias das Emoções de nossa vida cotidiana. As histórias de vida são fontes de conhecimento sobre os lugares que não são contados pela história oficial. O imaginário geográfico também ganha importância nessas histórias, reforçando a conexão com os lugares.

As narrativas, em nossa perspectiva, são formas de aprendizagem, inclusive do ponto de vista emocional. Essa aprendizagem é sobre si e sobre a relação com os outros. Uma Geografia das Emoções é criada, portanto, quando buscamos construir uma narrativa sobre nós mesmos e nossas relações com mundo. “Como pegadas simbólicas, experiências e afetos vividos e sentidos criam espaços para interpretar aspectos de itinerários subjetivos e coletivos que, via reflexão sensível (ou sensibilidade reflexiva), podem ser transformados em aprendizagem” (SOUZA; MARTINS; TOURINHO, 2017, p. 21).

Nas narrativas dos pioneiros, a capacidade de criar suas histórias de vida, de usar a imaginação, de expressar suas experiências, baseados num conteúdo emocional, permite interpretar essa capacidade de criar símbolos que expliquem suas vidas, no passado e no presente, e suas aspirações para o futuro, dentro de um universo individual, mas também

coletivo. Assim, a própria narrativa gera espacialidades, presentes tanto no ato de narrar quanto nas memórias relembradas a partir das narrativas. A emoção, numa hermenêutica, torna-se texto na narrativa.

Aqui mostra a pertinência de Cassirer para compreender a atividade do espírito em seu caráter expressivo, cujo conteúdo emocional é parte integrante da totalidade humana. O mundo é uma construção simbólica, sendo condição necessária para a captação do sensível.

Essa reflexão justifica nosso interesse em pensar as emoções dentro do viés do simbólico e de narrativas de histórias de vida. Dando ênfase ao sujeito, podemos compreender como ele tece relações com o mundo, pela via do sistema simbólico, cujo conteúdo emocional faz parte da expressividade do mundo.

Com base nessa reflexão, as emoções são parte do conteúdo de significado que impregnamos no espaço, o próprio espaço de ação do ser simbólico. Ao pensar a teoria das emoções com base na questão simbólica e nas narrativas de história de vida, por um lado nossa interpretação contribui para o debate epistemológico sobre o espaço e as espacialidades; por outro, permite colocar a narrativa como uma possibilidade metodológica para debater as emoções, ao mesmo tempo em que a narrativa é, ela mesma, a Geografia das Emoções dos narradores, porque é estruturada e expressada com base nas experiências emocionais — de sentido e significado — dos envolvidos.

Considerações finais

O interesse da Geografia das Emoções é compreender as emoções não só do ponto de vista social (contextos, interações e situações), mas também espacial, colocando o espaço como intrínseco nesse processo. O espaço geográfico, nesse processo de interação, pode transformar-se ao articular-se com a atmosfera emocional.

A Geografia das Emoções mostra-se como uma discussão transversal na perspectiva geográfica, visto a pluralidade de reflexões sobre a temática. As pesquisas demonstram a possibilidade de colocar as emoções como elemento central para entender a produção do espaço e de diferentes espacialidades. Assim, as emoções contribuem para uma análise sobre as práticas espaciais, colocando as pessoas como ponto de partida para entender suas experiências emocionais e espaciais.

O processo de significação do mundo não é algo irracional nem a-emocional. Portanto, é pertinente a conciliação da razão e da emoção para a compreensão dos

Revista Geografia em Atos, Departamento de Geografia, Faculdade de Ciências e Tecnologia, UNESP, Presidente Prudente, (Afetos e emoções: abordagens teórico-metodológicas na análise do Espaço Geográfico), n. 12, v. 5, p. 37-59, jul/2019. ISSN: 1984-1647.

fenômenos presentes no espaço cotidiano. A racionalidade, assim como a emoção, são processos cruciais para dimensão da existência humana, e separá-las é perpetuar um dos “mitos” do pensamento científico: o que diz que é preciso deixar de lado a emoção para se fazer ciência.

A análise atenta sobre as emoções, nos permite entender a pluralidade e singularidade dos fenômenos espaciais, reconhecendo-as como inerentes às práticas sociais, possibilitando uma geografia sensível, que privilegia as subjetividades presentes nas vivências espaciais. As relações intersubjetivas são medidas pelas emoções, que constroem espacialidades específicas, portanto, contextos sociais também específicos. Dor, medo, raiva, felicidade, tristeza, vergonha, angústia, prazer são algumas das emoções que podem figurar nos estudos geográficos e na análise das espacialidades.

A forma como concebemos e percebemos o espaço faz parte de uma atmosfera de emoção e da sensibilidade, e são esses fatos que tornam os lugares singulares, significativos e com uma importante dimensão simbólica. A experiência cotidiana cria a dinâmica da vida e o seu conteúdo, sendo animada pelas emoções.

Portanto, (re)pensar as categorias espaciais a partir das emoções coloca o foco no sujeito como conformador do seu espaço de ação e de suas espacialidades. Podemos refletir sobre a relevância da categoria emocional como parte da dimensão subjetiva dessas categorias espaciais, ao mesmo tempo que objetiva, torna concreto, o mundo da vida.

Há a necessidade de um esforço intelectual em reconhecer a relevância das emoções e olhar sensível sobre nossas pesquisas científicas pode ser um caminho possível para elucidar um tema tão intrínseco às experiências humanas. É fundamental o papel do pesquisador em reconhecer as emoções como parte da expressão do ser, portanto, como parte do espaço geográfico, o que possibilita reconhecer a pluralidade e diversidade de entender e reconhecer o mundo, o outro e as relações que nos conectam. É revelar o sentido e o significado de outros lugares, de outras formas de construir conhecimento e de existir.

Agradecimentos

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

Referências

Revista Geografia em Atos, Departamento de Geografia, Faculdade de Ciências e Tecnologia, UNESP, Presidente Prudente, (Afetos e emoções: abordagens teórico-metodológicas na análise do Espaço Geográfico), n. 12, v. 5, p. 37-59, jul/2019. ISSN: 1984-1647.

- ANDERSON, Kay; SMITH, Susan. Editorial: Emotional Geographies. **Transactions of the Institute of British Geographers**. Volume 26, Issue 1, March 2001, p. 7-10.
- ANDREOTTI, Giuliana. Geografia emocional e cultural em comparação com a geografia racionalista. In: HEIDRICH, Álvaro; COSTA, Benhur Pinós da; PIRES, Cláudia Luísa Zeferino (orgs.) **Maneiras de ler geografia e cultura**. Porto Alegre: Imprensa Livre: Compasso Lugar Cultura, 2013. p. 98-105.
- BONDI, Liz; DAVIDSON, Joyce; SMITH, Mick. **Introduction: Geography's Emotional Turn**. In: DAVIDSON, J.; BONDI, L.; SMITH, S. (eds.). **Emotional Geographies**. Aldershot: Ashgate, 2007, p. 1-16.
- BONDI, Liz. Making connections and thinking through emotions: between geography and psychotherapy. **Institute of Geography, School of Geosciences**, University of Edinburgh. 2005.
- BONDI, Liz. The Place of Emotions in Research: From Partitioning Emotion and Reason to the Emotional Dynamics of Research Relationships. In: DAVIDSON, J.; BONDI, L.; SMITH, S. (eds.). **Emotional Geographies**. Aldershot: Ashgate, 2007, p. 231-242.
- CASSIRER, Ernst. **O mito do estado**. São Paulo: Códex, 2003.
- CASSIRER, Ernst. **A filosofia das formas simbólicas. Terceira Parte: fenomenologia do conhecimento**. São Paulo: Martins Fontes, 2011.
- COLLIS, Marion. 'Mourning the Loss' or 'No Regrets': Exploring Women's Emotional Responses to Hysterectomy. In: DAVIDSON, J.; BONDI, L.; SMITH, S. (eds.). **Emotional Geographies**. Aldershot: Ashgate, 2007. p. 33-48.
- CASTAÑEDA, José Antonio Serrano; MORALES, Juan Mario Ramos. Narrar a vida: deliberações no campo biográfico. In: MARTINS, Raimundo; TOURINHO, Irene; SOUZA, Elizeu Clementino de. **Pesquisa narrativa: interfaces entre histórias de vida, arte e educação**. Santa Maria: Ed. da UFSM, 2017. p. 75-98.
- CONRADSON, David. Freedom, Space and Perspective: Moving Encounters with Other Ecologies. In: DAVIDSON, J.; BONDI, L.; SMITH, S. (eds.). **Emotional Geographies**. Aldershot: Ashgate, 2007, p. 103-116.
- DARDEL, Eric. **O homem e a Terra: Natureza da realidade geográfica**. São Paulo: Perspectiva, 2015 [1952].
- DAVIDSON, Joyce; MILLIGAN, Christine. Embodying Emotion Sensing Space: Introducing emotional geographies. **Social & Cultural Geography**, Vol. 5, No. 4, December 2004. P. 523-532.
- FERNANDES, Dalvani; GIL FILHO, Sylvio Fausto. Geografia em Cassirer: perspectivas para a geografia da religião. **GeoTextos**, vol. 7, n. 2, p. 211-228, dez. 2011.
- GIL FILHO, Sylvio Fausto. Conformação simbólica dos espaços da vida e da morte: uma aproximação teórica. **Revista Brasileira de História das Religiões**. ANPUH, Ano VI, n. 18, v. 06, Janeiro de 2014, p. 133-144.
- GUINARD, Pauline; TRATNJEK, Bénédicte. Géographies, géographes et émotions. **Carnets de géographes** [En ligne], 9 | 2016.
- HEENAN, Collen. 'Looking in the Fridge for Feelings': The Gendered Psychodynamics of Consumer Culture. In: DAVIDSON, J.; BONDI, L.; SMITH, S. (eds.). **Emotional Geographies**. Aldershot: Ashgate, 2007, p. 147-160.
- HEPWORTH, Mike. Ageing and the Emotions: Framing Old Age in Victorian Painting. In: DAVIDSON, J.; BONDI, L.; SMITH, S. (eds.). **Emotional Geographies**. Aldershot: Ashgate, 2007, p. 177-190.

- HOCKEY, Jenny; PENHALE, Bridget; SIBLEY, David. Environments of Memory: Home Space, Later Life and Grief. In: DAVIDSON, J.; BONDI, L.; SMITH, S. (eds.). **Emotional Geographies**. Aldershot: Ashgate, 2007, p. 135-146.
- HUBBARD, Phil. The Geographies of 'Going Out': Emotion and Embodiment in the Evening Economy. In: DAVIDSON, J.; BONDI, L.; SMITH, S. (eds.). **Emotional Geographies**. Aldershot: Ashgate, 2007, p. 177-134.
- JONES, Owain. An Ecology of Emotion, Memory, Self and Landscape. In: DAVIDSON, J.; BONDI, L.; SMITH, S. (eds.). **Emotional Geographies**. Aldershot: Ashgate, 2007, p. 205-218.
- LUNA, Toni; VALVERDE, Isabel. **Teoría y paisaje II: paisaje y emoción. El resurgir de 9las geografías emocionales**. Observatorio del Paisaje de Cataluña. Barcelona: Universidad Pompeu Fabra, 2009, 170 p.
- MACKIAN, Sara. Mapping reflexive communities: visualizing the geographies of emotion. **Journal Social & Cultural Geography**, Volume 5, 2004, p. 615-631.
- MILLIGAN, Christine; BINGLEY, Amanda Bingley; GATRELL, Anthony. 'Healing and Feeling': The Place of Emotions in Later Life. In: DAVIDSON, J.; BONDI, L.; SMITH, S. (eds.). **Emotional Geographies**. Aldershot: Ashgate, 2007. P. 49-62.
- MORRIS, Sara; THOMAS, Carol. Placing the Dying Body: Emotional, Situational and Embodied Factors in Preferences for Place of Final Care and Death in Cancer. In: DAVIDSON, J.; BONDI, L.; SMITH, S. (eds.). **Emotional Geographies**. Aldershot: Ashgate, 2007. p. 19-32.
- MOLZ, Jennie Germann. Guilty Pleasures of the Golden Arches: Mapping McDonald's in Narratives of Round-the-World Travel. In: DAVIDSON, J.; BONDI, L.; SMITH, S. (eds.). **Emotional Geographies**. Aldershot: Ashgate, 2007, p. 63-76.
- SILVA, Marcia Alves Soares da. O eu, o outro e o(s) nós: Geografia das Emoções à luz da Filosofia das Formas Simbólicas de Ernst Cassirer (1874-1945) e das narrativas de pioneiros da Igreja Messiânica Mundial. 303 f. Tese (Doutorado em Geografia), Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal do Paraná, Curitiba 2019.
- SOUZA, Elizeu Clementino de; MARTINS, Raimundo; TOURINHO, Irene. Entrelaçamentos entre histórias de vida, arte e educação. In: MARTINS, Raimundo; TOURINHO, Irene; SOUZA, Elizeu Clementino de (orgs). **Pesquisa narrativa: interfaces entre histórias de vida, arte e educação**. Santa Maria: Ed. da UFSM, 2017. p. 13-21.
- SMITH, Mike et al. Geography and emotion - emerging constellations. In: SMITH, Mike et al(Eds.), **Emotion, Place and Culture**. Farnham: Ashgate, 2009, p. 1-18.
- SMITH, Mike. On 'Being' Moved by Nature: Geography, Emotion and Environmental Ethics. In: DAVIDSON, J.; BONDI, L.; SMITH, S. (eds.). **Emotional Geographies**. Aldershot: Ashgate, 2007, p. 219-230.
- PAIVA, Daniel. Teorias não-representacionais na Geografia II: conceitos para uma geografia do que acontece. **Finisterra**, LII, 106, 2017, pp. 159 -168.
- PAIVA, Daniel. Teorias não-representacionais na Geografia II: métodos para uma geografia do que acontece. **Finisterra**, LIII, 107, 2018, pp. 159 -168.
- PARR, Hester; PHILO, Chris; BURNS, Nicola. 'Not a Display of Emotions': Emotional Geographies in the Scottish Highlands In: DAVIDSON, J.; BONDI, L.; SMITH, S. (eds.). **Emotional Geographies**. Aldershot: Ashgate, 2007, p. 87-102.
- PATERSON, Mark. Affecting Touch: Towards a 'Felt' Phenomenology of Therapeutic Touch. In: DAVIDSON, J.; BONDI, L.; SMITH, S. (eds.). **Emotional Geographies**. Aldershot: Ashgate, 2007, p. 161-176.

PERSI, Peris. Geografia ed emozioni. Genti e luoghi tra sensi, sentimenti ed emozioni. Tradução Beatriz Helena Furlanetto. **Revista Geografar**, Curitiba, v.9, n.1, , jun./2014, p. 200-218.

REKACEWICZ, Philippe; TRATNJEK, Bénédicte. Cartographier les émotions. **Carnets de géographes** [En ligne], 9, 2016.

THIEN, Deborah. After or beyond feeling? A consideration of affect and emotion in geography. **Area**, 2005, p. 450–454.

THIEN, Deborah. Intimate Distances: Considering Questions of ‘Us’. In: DAVIDSON, J.; BONDI, L.; SMITH, S. (eds.). **Emotional Geographies**. Aldershot: Ashgate, 2007, p. 191-204.

BONDI, L.; SMITH, S. (eds.). Emotional geographies. In: RICHARDSON, Douglas et al. **The International Encyclopedia of Geography**. Nova Jersey: Wiley-Blackwell, 2017. p. 1-5.

URRY, John. The Place of Emotions within Place. In: DAVIDSON, J.; BONDI, L.; SMITH, S. (eds.). **Emotional Geographies**. Aldershot: Ashgate, 2007, p. 77-86.

¹ Indicamos a leitura de SILVA. Marcia Alves Soares da. Por uma Geografia das Emoções. *GEOgraphia*, v. 18, n. 36, p. 99-119, 2016; _____. Sobre emoções e lugares: contribuições da Geografia das Emoções para um debate interdisciplinar. *Revista Brasileira de Sociologia da Emoção*, v. 17, n. 50, p. 69-84, agosto de 2018;

¹ A tese intitulada “O eu, o outro e o(s) nós: Geografia das Emoções à luz da filosofia das formas simbólicas de Ernst Cassirer (1876-1945) e das narrativas de pioneiros da Igreja Messiânica Mundial”, defendida no Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal do Paraná (2019) teve como objetivo pensar a Geografia das Emoções a partir da reflexão teórica da filosofia das formas simbólicas de Ernst Cassirer e de narrativas de histórias de vida de pessoas idosas que fazem parte da comunidade messiânica em Curitiba e Ponta Grossa – PR. Abordaremos algumas reflexões realizadas na tese.

² Muitas dessas contribuições podem ser acessadas no periódico *Emotion, Space and Society*, disponível em <https://www.journals.elsevier.com/emotion-space-and-society>.

³ Destaca-se um importante debate sobre a diferença entre geografias emocionais e geografias afetivas. Sobre isso, sugere-se a leitura de “PILE, Steve. Emotions and affect in recent human geography. **Transactions of the British Geographers**. NS 35. P. 5-20. 2010”. Outra reflexão sobre essa questão é de “ANDERSON, Ben. Affective atmospheres. **Emotion, Space and Society**, 2, p. 77–81, 2009”.

⁴ Fundada no Japão em 1935 por Mokiti Okada (1882-1955) — o Meishu-Sama —, a Igreja Messiânica Mundial se baseia na tríade Verdade-Bem-Belo, que estrutura o “Paraíso Terrestre” idealizado pelo fundador. A Verdade se manifesta através do Bem que se expressa no Belo. Os Solos Sagrados, a apreciação das obras de Arte, como a Ikebana Sanguetsu (arte da flor) imposição da luz pelas mãos (chamado de Johrei) e o consumo de alimentos baseado na Agricultura Natural (ingestão de alimentos na forma natural, sem venenos e respeitando o tempo da natureza, o que permite fortalecer a energia vital) são elementos que estruturam a religião messiânica, que se volta também ao altruísmo para o alcance da felicidade das pessoas.

Sobre a autora – Informações prestadas pela autora

Marcia Alves Soares da Silva

Doutora em Geografia pela Universidade Federal do Paraná (2019). Bolsista CAPES no Programa de Doutorado Sanduíche no Exterior, no Departamento de Filosofia da Universidade de Évora, Portugal (2017). Mestre em Geografia pela Universidade Federal Fluminense (2014) e Licenciada em Geografia pela Universidade Estadual de Ponta Grossa (2011). Membro dos grupos de pesquisa Laboratório Território, Cultura e Representação (LATECRE-UFPR) vinculado ao Núcleo de Estudos em Espaço e Representações (NEER) e do corpo editorial da Revista Geografar da UFPR (Qualis B1). Atualmente é professora Colaboradora do Departamento de Geociências da Universidade Estadual de Ponta Grossa (2018-).

Como citar esse artigo

SILVA, Marcia Soares da. Um olhar sensível sobre o espaço geográfico: contribuições da geografia das emoções. In: **Revista Geografia em Atos (GeoAtos online)** - Afetos e emoções: abordagens teórico-metodológicas na análise do Espaço Geográfico - v. 05, n. 12, p.37-59, jul/2019. DOI: <https://doi.org/10.35416/geoatos.v5i12.6502>

Recebido em: 2019-05-08

Aceito em: 2019-07-03